

Garimpeiros fretam aviões para recuperar equipamento

BOA VISTA — Os líderes dos garimpeiros que invadiram território venezuelano para explorar ouro na cabeceira do Rio Orinoco, responsáveis por 70 frentes de lavra de ouro em mais de 100 clareiras, reuniram-se ontem em Boa Vista e decidiram pressionar o governo venezuelano para conseguir a liberação dos equipamentos apreendidos desde segunda-feira, quando a Guarda Nacional do país vizinho começou a expulsão dos cerca de 3 mil brasileiros.

Inicialmente, os garimpeiros pretendem usar todos os meios legais e, para isso, já deram entrada em pedido de visto no Consulado da Venezuela, em Boa Vista, para chegar à pista Constituinte, construída por eles próximo ao garimpo, e tentar negociar. "Não desistiremos de resgatar o que é nosso", disse Miriam Gonzalez, uma das brasileiras expulsas. Ela e outros oito garimpeiros fretaram ontem dois aviões e seguiram viagem ao Paapiú, na área do garimpo, para conseguir a devolução das máquinas com a Guarda Nacional.

Prejuízos — Se calculados pelos pares de máquinas (um motor do tipo agrale e uma bomba Hidrojet), os prejuízos dos garimpeiros chegam a US\$ 30 milhões: os soldados da Guarda Nacional da Venezuela apreenderam 600 pares dessas máquinas, que foram transportados para a pista Constituinte, construída pelos brasileiros em território do país vizinho.

A situação na região invadida por garimpeiros continua tensa. "O pior é que estão todos perdidos na mata", afirmou ontem em Boa Vista o piloto de helicópteros Sérgio Carvalho. Os que têm mais sorte, segundo Sérgio, são resgatados por helicópteros de empresas mineradoras brasileiras. Mas a grande maioria está perdida na selva amazônica, tentando desesperadamente chegar à pista de Paapiú.

Em Brasília, o presidente do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), Fernando César Mesquita, garantiu ontem que a expulsão dos garimpeiros foi uma atitude normal de um país que teve suas fronteiras invadidas ilegal-

mente. "Não houve agressão ou abusos, mas apenas um problema fronteiriço que se resolve diplomaticamente", afirmou. A mesma posição foi defendida pelo Departamento de Polícia Federal, que acredita que o governo venezuelano tinha todo o direito de defender sua soberania territorial.

Já no último sábado, durante o encontro dos oito países amazônicos, o presidente José Sarney e o presidente venezuelano, Carlos Andrés Pérez, tentaram diminuir a importância do assunto. "Estamos tomando providências para retirar os garimpeiros da área e muitos deles já saíram", informou Sarney. "Nosso objetivo é encontrar soluções integracionistas, sem criar problemas", concordou Pérez. O chefe do governo venezuelano disse, inclusive, que já havia pedido ao presidente Sarney o envio de delegados brasileiros para discutir os problemas com delegados venezuelanos.

Ordem — "Não partiu nenhuma ordem de retirada do governo brasileiro, apenas do governo venezuelano", garantiu ontem Mesquita, que na última segunda-feira, durante um sobrevôo ao lado venezuelano da fronteira, foi obrigado a retornar com receio de ser abordado por um helicóptero das Forças Armadas da Venezuela. Mesquita disse, ainda, que está avaliando os danos ecológicos causados à região do garimpo, localizada dentro da reserva Ianomâmi, podendo baixar normas regulando o uso de mercúrio na área. Segundo Mesquita, o governador de Roraima, Romero Jucá, garantiu que vai comprar todo o equipamento (retórtas para recuperação de mercúrio e filtros) para extração de ouro sem poluição ambiental, com o objetivo de revendê-lo aos garimpeiros. Segundo Mesquita, quem se recusar a usar o novo equipamento poderá ter seu alvará cassado.

Mesquita negou informações vindas de garimpeiros da região, segundo as quais o governo brasileiro havia dado sinal verde para que o Exército da Venezuela promovesse a retirada conforme sua conveniência. "Nenhum governo vai dar uma ordem destas", garantiu Mesquita.

Rios de Roraima estão ameaçados

Enquanto o governo venezuelano expulsa garimpeiros brasileiros de suas terras para garantir a preservação da ecologia, os rios de Roraima são ocupados por mais de 400 balsas que extraem de seus leitos toneladas de ouro por mês com a utilização de mercúrio.

A poluição que deriva dos garimpos e ameaça matar os Rios Uraricuera, Couto Magalhães e Mucajá é uma realidade que tem como testemunha ocular o presidente do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, Fernando César Mesquita, que sobrevoou a região de garimpos e ficou sobressaltado com o que viu.

Segundo a geóloga Marília Cerqueira, a

maior autoridade no Brasil em poluição ambiental causada pela utilização do mercúrio e coordenadora de toxicologia do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente, o metal jogado nas águas mata os peixes, destrói plantações e traz problemas respiratórios aos homens que lidam com ele. Já existem vários casos, segundo Marília, em que pessoas morreram de câncer no estômago e tiveram problemas cerebrais resultantes do contato indevido com o mercúrio.

Os três rios ocupados por embarcações garimpeiras são afluentes do Rio Branco, que abastece de água a população de Boa Vista e serve à navegação entre Caracarái e Manaus.